

## **Só por isso é que lhe chamam vida**

João César das Neves

Há muitos anos, quando eu era pequeno, acordei aqui. Vivo aqui desde então e não posso dizer que me dê mal. No entanto, tenho andado a pensar e cheguei a uma conclusão: isto não é para mim.

Não me estou a queixar, porque até gosto disto. Já há muito aprendi que, desde que se saiba contentar com o que se tem, isto até pode ser muito agradável. Tem sítios lindos e, em certos locais, sobretudo ao nascer do sol e à noitinha, chega a ser sublime. As pessoas são também boas. Claro que há de tudo, mas em geral são simpáticas e, com algumas, até se pode viver uma relação verdadeira, profunda e rica. Por isso, não é propriamente a vida por aqui que me desagrada. O mal não é a vida, mas o seu oposto. Este sítio tem um problema. Um pequeno problema, mas suficiente para estragar tudo. É que aqui morre-se.

É verdade. Aqui morre-se. Ao fim de algum tempo, acaba sempre a vida. Este é o terrível problema que o sítio tem. Bem vista, esta coisa de morrer não faz sentido nenhum. Morrer é estúpido. Não tem lógica, não faz nexos. Não consigo perceber a razão de morrer. O facto de se repetir todos os dias não a justifica. Pelo contrário, mostra ainda mais a sua supina estupidez. É por isso que isto aqui não é para mim.

E quando toca a morrer, não interessa a qualidade da vida que se teve. Tenho visto morrer pessoas com vidas excelentes e outras a quem nem sequer deixaram começar a mostrar a sua vida. Os meus avós, sogros, amigos, alguns professores, a minha irmã pequenina, todos morreram.

Sei também de pessoas notáveis, com vidas extraordinárias e obras incríveis que depois, simplesmente, morreram. L.van Beethoven, por exemplo, fez uma música superior, sublime, que trazia vida a quem não a sentia. E depois, morreu. Assim, sem mais, sem sentido. Também Bach, Haendel, Vivaldi, Mozart, morreram. A beleza excelsa que criaram Michelangelo, Dürer, Escher, a música das palavras de Homero, Sócrates, Cícero, Dante, Shakespeare, a obra de Gandhi, Madre Teresa, Einstein não os impediram de morrer. Como foi possível morrer um homem como Shakespeare ? Como houve a audácia de deixar morrer Beethoven e Michelangelo ? É tão estúpido ! Tão sem sentido !

Procurei a resposta a esta suprema pergunta da morte, mas descobri que, em geral, os que se ocupam dela, iludem-na, evitam-na. E se falam dela, não a solucionam. A maior parte limita-se a dar recomendações para se viver bem o tempo que aqui se tem. Há variados conselhos, uns melhores que outros, mas nenhum resolve a estupidez da morte. Amigos e desconhecidos dizem que o melhor é viver para a satisfação, uns só no corpo, outros na família, no trabalho, no jogo. Há os que garantem que tudo se resume a um sistema sócio-político ou a uma economia mais justos e equilibrados. Como é óbvio, nenhum deles entende o supremo problema da morte.

Entre os que dão respostas mais articuladas, muitos seguem na mesma linha e descrevem propostas de vida boa. Homens como Confúcio, Aristóteles, Kant, deram sugestões e apresentaram modelos para um sentido da vida. Algumas são ideias notáveis e profundas. Mas dar sentido à vida não é o mais difícil, embora exija subtileza. O problema, o único problema real, é conhecer o sentido da morte.

Aqueles que lidaram mais directamente com a questão também não lhe deram muito sentido. Os que seguem Buda dizem que a vida é dor e se deve procurar o nada. Mas inverter o problema não lhe traz solução. Há também os que recomendam que se preste culto a entidades superiores para que elas nos tratem bem. Uns criam ídolos e mitologias com histórias confusas e elaboradas. Homens houve, como Moisés e Maomé, que garantiram que tinham falado com o Deus da vida e da morte, e Ele os informara do que havia a fazer. Disseram coisas maravilhosas, mas a morte, a estúpida morte, continuou bem presente.

Até que apareceu uma resposta nova e totalmente diferente. Apareceu alguém que enfrentou directamente a questão e a resolveu. Houve um homem que ressuscitou dos mortos. Simplesmente, ressuscitou dos mortos. Não eliminou a morte, mas ressuscitou dela. É óbvio que, se há uma resposta para a única pergunta importante, ela só pode ser esta. Esse homem é, pois, o único que viu bem a questão e a resolveu completamente. Chama-se Jesus Cristo, e ressuscitou dos mortos, uma coisa que nunca ninguém fizera antes, nem fez depois sem Ele.

Com uma resposta desta, Cristo merece, indiscutivelmente, a nossa atenção. Vale a pena escutar o que diz alguém que ressuscita dos mortos. E ao ouvi-lo, vê-se logo que o que afirma se encaixa perfeitamente no que nós vivemos e sentimos. O que Cristo faz traz o

sentido da morte. O que diz dá sentido à vida. Com Ele, a vida e a morte passam a ser uma só coisa.

Disse Ele que, tal como se suspeitava desde o início, a gente não é daqui. Não nos tirou de cá, mas disse-nos que não somos daqui. Nós todos somos de outro sítio, de um local a que chamou “vida eterna” ou “reino dos céus”. Foi de lá que viemos e é para lá que vamos. A morte, afinal, não é o fim da vida, mas o seu começo em pleno. E a vida eterna é melhor que o pôr-do-sol, a amizade, a música de Beethoven ou a poesia de Homero. Elas, afinal, não passam de suas antevisões.

Ele também explicou o sentido deste tempo. Aqui é já vida, mas uma vida especial, uma espécie de “campismo do céu”. O campismo é como uma casa, mas a diferença é que tudo o que se usa tem de ser levado connosco, numa mochila. Assim é também aqui: há vida, mas toda a vida que vivemos, todo o céu e felicidade que usamos, foi só o que trouxemos connosco. Depois, no céu, haverá vida e felicidade por todo o lado. Aqui, agora, fazemos campismo em tendas. E o nome do acampamento é Igreja.

Disse, finalmente, como viver neste campismo. Como somos do céu, o tempo aqui passado deve ser para difundir felicidade à nossa volta. Só se perdermos o céu que trouxemos connosco é que aparece mesmo a morte. Este tempo no campismo do céu só tem sentido se o usarmos para espalhar vida, céu e felicidade à nossa roda. Só por isso é que lhe chamam vida.

Diário de Notícias, 23 de Agosto de 1999